

política



Repórter Brasília
Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Alerta para a falta de comida

A crise global de fertilizantes já impacta o agro brasileiro e acende sinal vermelho no campo. A crise preocupa a bancada gaúcha. A escalada de tensões no Oriente Médio, com impacto direto sobre rotas estratégicas como o Estreito de Ormuz, já produz efeitos concretos sobre a segurança alimentar global. O risco deixou de ser teórico: envolve queda na produção, encarecimento dos alimentos e pressão direta sobre o Brasil.

Escassez de fertilizantes

A escassez pode comprometer até 10 bilhões de refeições por semana no mundo, segundo o presidente da Yara International, Svein Tore Holsether. A estimativa, ainda que extrema, expõe a dependência global de cadeias logísticas frágeis e altamente concentradas.

Produtor pressionado

A equação é simples e perigosa: custo sobe, margem cai, plantio diminui. O resultado tende a aparecer na mesa do consumidor. Parlamentares do Rio Grande do Sul acompanham o cenário com preocupação. O deputado Heitor Schuch (PSD, à dir.) defende reação estruturada: “Não podemos depender tanto de insumos externos. É urgente investir na produção nacional e dar previsibilidade ao agricultor”. Já o deputado Alceu Moreira (MDB, à esq.) alerta para o risco



FOTOMONTAGEM/DIVULGAÇÃO/JC

de desorganização: “Quando o custo explode e o preço não acompanha, o produtor reduz o plantio. Isso pode gerar falta de alimentos e inflação”.

Máquinas agrícolas

As feiras do agronegócio registram queda superior a 50% na venda de máquinas agrícolas. A indústria reage com férias coletivas e, em alguns casos, demissões. É o termômetro de um setor que desacelera. Analistas apontam que muitos produtores devem reduzir o plantio da próxima safra, especialmente de soja. O motivo não é apenas o preço dos fertilizantes, mas a insegurança logística. Parte relevante dos insumos vem do leste europeu; e o produto comprado hoje só deve chegar ao Brasil em agosto, no limite do calendário agrícola.

Medidas e gargalos

No Congresso, cresce a cobrança por medidas emergenciais: crédito mais acessível, redução de custos logísticos e políticas que amortizem os efeitos da crise internacional. O problema, porém, vai além do curto prazo. A dependência externa de fertilizantes expõe uma fragilidade estrutural do agro brasileiro, justamente em um momento em que o País é chamado a garantir segurança alimentar global.

Disputa por alimentos

No cenário internacional, o risco é de uma corrida por estoques. Países mais ricos tendem a se antecipar, pressionando ainda mais preços e disponibilidade. O Programa Mundial de Alimentos estima que os efeitos combinados das tensões geopolíticas podem empurrar mais 45 milhões de pessoas para a fome aguda até 2026.

Entre exportar e alimentar

Para o Brasil o desafio é duplo: manter competitividade no mercado externo e garantir abastecimento interno. A crise dos fertilizantes deixou claro que a comida virou ativo estratégico. Não é mais um problema distante. É uma variável central da geopolítica e já começa a bater à porta do consumidor brasileiro.

Envelhecimento faz

Entrevista Especial

Bolívar Cavalari

bolivarc@jcrs.com.br

A pirâmide etária brasileira está invertendo, com cada vez menos nascimentos e mais pessoas idosas no País. No contexto político, se observa o crescimento da abstenção nas últimas eleições. Diante deste cenário, a socióloga e diretora de Pesquisa do Instituto Amostra, Margrid Sauer, realizou estudos e percebeu uma correlação: quanto maior o registro de idosos em uma região, maior o índice de abstenção.

Nesta entrevista ao **Jornal do Comércio**, Margrid aborda as observações que colheu a partir das pesquisas realizadas. No sentido da relação entre envelhecimento e abstenção, a socióloga avalia que faltam campanhas da Justiça Eleitoral para chamar e conscientizar este público a comparecer às urnas, assim como é feito com os jovens entre 16 e 18 anos, para quem, como os idosos com mais de 70 anos, o voto é facultativo.

Jornal do Comércio - O perfil do eleitorado brasileiro está mudando. De que forma isso ocorre?

Margrid Sauer - Sim, porque o perfil do eleitorado brasileiro, na verdade, está envelhecendo. E me chamou a atenção em 2024, quando no final da eleição, mais uma vez, teve um número bastante expressivo de pessoas que deixaram de votar. E aí eu comecei um pouco com essa coisa de pesquisadora: por que as pessoas não estão indo votar? Qual a razão disso? Porque quando a gente pergunta na pesquisa, a gente faz esse questionamento. E a gente não encontra esse número de abstenção, que deveria ser tão grande, porque as pessoas, via de regra, se envolvem com a eleição e elas querem votar, elas querem participar. Aí eu comecei com Porto Alegre: ‘deixa eu ver como é que está esse eleitorado de Porto Alegre, o mais velho’. Era Porto Alegre e Rio (de Janeiro, as maiores abstenções do Brasil), as duas. Daí eu encontrei uma correlação. Existe uma correlação nas duas capitais. E aí eu comecei a pegar outras capitais. E ao fazer isso, eu percebi que havia uma correlação realmente. A gente foi indo pelo ranking: onde havia maior número de abstenção, havia maior número de idosos registrados dentro do sistema eleitoral.

JC - Pesquisa do TSE aponta que a população com mais de 60 anos cresceu cinco vezes mais que o eleitorado geral nos últimos 16 anos. Como isso impacta o processo eleitoral?

Margrid - A gente tem visto isso na nossa distribuição amostral, que antes a gente tinha quase que uma curva normal do envelhecimento. Tinha a base, daí o ápice ali em uns 40, 30 anos, e daí depois uma queda natural. E hoje, nós cortamos em 45, 55 anos, e a gente já tem 65 anos; as barras já estão se igualando. Há um número menor de nascimentos, que se vem percebendo desde o último Censo, e um número maior de pessoas idosas sobrevivendo até os 90, 100 anos. Então, é natural que esse perfil vai se alterar, e o que eu não percebo é uma preocupação do TSE nesse sentido, de olhar para esse fenômeno - e ele vai se agravar - e de buscar soluções. Informar essa população, porque ela talvez não saiba que um filho pode entrar no TSE, no TRE, no site, e pedir, por exemplo, para alterar a urna, o local de votação. Trazer para mais perto de casa, porque a gente se muda tanto ao longo da vida, e tu acabas, muitas vezes, ficando lá no teu bairro de sempre, que tu votavas já. Então, tu podes fazer essas mudanças para facilitar, pode dizer que a pessoa tem condições especiais, que ela precisa que a urna esteja em um lugar acessível, enfim. Coisas que não me parece que o TSE vem se preocupando.

JC - Além do envelhecimento da população e falta de políticas para que este público compareça às urnas, há outros fatores que observa para o aumento da abstenção?

Margrid - Eu penso que o envelhecimento é o mais gritante. Não é que é o mais gritante, mas é aquele que eu consigo fazer uma corre-

ção estatística. Aumentou o envelhecimento, aumentou a abstenção. Enfim, existe uma correlação, é real. O que nós, com pesquisas, percebemos, e que o eleitor verbaliza para nós, é um certo ‘nojo’ - não sei se essa seria a palavra -, mas uma aversão a essa polarização tão extrema como a gente viveu na eleição passada (de 2022). Nessa eleição (de 2026) a polarização está aí, mas ela me parece abrandada. Não sei se eu já me acostumei, mas ela não me parece que está ainda naquela questão Bolsonaro versus Lula. Um cara que era presidente e um outro que sai da cadeia para concorrer. E isso, as pessoas nos dizem: ‘nenhum desses dois me representa, principalmente no segundo turno, e eu não vou votar; ou, se for, eu vou anular, porque eu não me sinto representada por esses dois polos tão extremos’. Então isso também é um fator que a gente observa.

JC - Não está observando tanta polarização em 2026 quanto em 2022?

Margrid - Ainda... Não que a intenção de voto não esteja polarizada. O que eu não percebo é o embate entre eleitores e esta discussão ainda não tão polarizada. Flávio (Bolsonaro) não é uma pessoa que me parece tão conhecida e que desperte tanto amor e ódio quanto (Jair) Bolsonaro. Então falamos, óbvio, desses dados que a gente tem até o momento. Não que a polarização não se mostre na intenção de voto. Sim, ela se mostra na intenção de voto. O posicionamento mais à direita ou mais à esquerda do eleitor se mostra nessa intenção de voto. Mas o que me parece é que não tem esse ‘ranço’ tão grande assim. Essas brigas, essas discussões tão acaloradas em defesa de (Jair) Bolsonaro como a gente tinha. Sempre com a ressalva de que ‘ainda’ (não percebe isso). São coisas



“Comecei a pegar outras capitais e percebi que havia uma correlação realmente”